

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Eliane Martins de Freitas

1490

O TRIÂNGULO EM MARCHA: CONSTRUÇÃO DO
IMAGINÁRIO SOBRE A REVOLUÇÃO DE 1930

1.480

UBERLÂNDIA

NOVEMBRO

1990

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COMS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZA-
GEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º

Data / /

"Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa.
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta: (...)
sois o sonho e sois a audácia,
calúnia, fúria e derrota... (...)
Reis, impérios, tronos, templos,
pelo vosso impulso rodam... (...)
e sois o ferro que arrócha
e sois o barco para o exílio
e sois Moçambique e Angola!"

(Romance das palavras aéreas - Cecília Meireles)

O TRIÂNGULO EM MARCHA: CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE A REVOLUÇÃO DE 1930.

"acabou vendo Joan Brossa que os verbos do Catalão tinham coisas por detrás, eram sô palavras, não."

(João Cabral de Melo Neto).

O que há por detrás dos verbos? O que há além das palavras? Nem sempre nos fazemos estas perguntas e passamos, por aí, a navegar como se o mar fosse só a calmaria da superfície, sem saber o que há no fundo. Como nos ensina o verso, há muitas "coisas por detrás", que precisamos desvendar. Desvendar fatos ocultos, registros esquecidos, conhecimentos cristalizados. À história produzida enquanto conhecimento pronto e acabado, devemos contrapor outras análises que recuperem facetas da realidade, até então esquecidas na memória. Isto transforma a tarefa do historiador uma função permanente, uma vez que o conhecimento histórico produzido por ele está sempre em constante renovação.

Nesta perspectiva, de desvendar e ver o que existe por detrás dos verbos, empreendemos, aqui, uma luta (por demais árdua) para tentar lançar luzes sobre um fato histórico cristalizado pela memória oficial: a "revolução de 30." Ao comemorarmos os sessenta anos da "revolução", somos convidados e instigados a aceitar o que já foi produzido sobre ela, ou a duvidar, e mergulharmos nas suas profundezas. Optamos pelo mergulho.

Uma primeira questão, que se apresenta, concerne à pertinência ou não deste estudo (mergulho). Será que o

tema 1930 já não está por demais explorado? Será que ele já não faz parte de um passado suficientemente conhecido? Pensamos que não. Os fatos históricos estão sempre prontos a dar novas respostas, de acordo com as novas perguntas que passamos a formular. 1930 é justamente um dos momentos da história brasileira que, embora cristalizado, instiga o historiador a buscar novos fatos, novos documentos e a tecer outras interpretações, pela sua atualidade e importância na nossa historiografia.

Podemos perceber que a historiografia existente sobre a "Revolução de 30", em Minas Gerais e, particularmente, no Triângulo Mineiro, na sua maioria, trata o tema sob a ótica da memória oficial, necessitando, assim, de um estudo sobre a construção do imaginário da "revolução", capaz de analisar com mais profundidade o discurso produzido em 30. Assim, nos propomos, neste texto, estudar o fato histórico, "revolução de 1930", fato este marcante e polêmico na história republicana brasileira e que continua atual nas suas possibilidades de interpretação. Procuraremos recuperar a construção de um certo discurso sobre o mesmo, na região do Triângulo Mineiro¹, sendo que o destaque dado à região do Triângulo Mineiro se deve não somente à necessidade empírica

1 - O Triângulo Mineiro foi dividido durante o período revolucionário, em dois quartéis gerais, trataremos aqui especificamente do quartel com sede em Uberlândia. O comando de Uberlândia, que teve como chefe militar o Major Persilva, controlava as atividades dos "revolucionários" de diversas cidades triangulinas, entre as quais daremos especial destaque a Araguari. O destaque se justifica por Araguari ser na época uma cidade do mesmo porte de Uberlândia e, conforme informações do comandante araguarino Philadelpho de Lima, estar constantemente sob ameaça das forças "contra-revolucionárias" ou "legalistas" de Goiás. Araguari também forneceu um contingente significativo de homens para a defesa das fronteiras mineiras.

de um corte, mas também devido à sua atuação no movimento "revolucionário", que acredita-se de fundamental importância, visto ter sido o quartel general e ponto estratégico para as forças "revolucionárias". O discurso com o qual trabalharemos é o de um dado setor da elite política mineira, ligado ao Partido Republicano Mineiro (PRM) e à Aliança Liberal.

Buscaremos, através do discurso veiculado pela Imprensa triangulina, perceber como estes "revolucionários" criaram e sustentaram a idéia de revolução em 1930; quais seus pilares e princípios. Trabalharemos com a Imprensa encarando-a como um instrumento de dominação de uma dada classe social e, como tal, comprometida em veicular as suas idéias.

De especial interesse para este trabalho é um jornal publicado pelo comando "revolucionário" uberlandense, "O Diário da Revolução", que funcionou como transmissor da ideologia do comando não só em Uberlândia, como em todo Triângulo Mineiro. O objetivo do jornal publicado na primeira página de seu primeiro número dizia:

"Surge o Diário da Revolução que vai ser o porta-voz do movimento revolucionário em Uberlândia, movimento este que faz vibrar as células mais distantes do gigante sul-americano. Noticiará todos os despachos radio-telegraphicos e as ordens do Governador Militar da cidade; talvez de duração efêmera, será no entanto, um documento de que Uberlândia soube agir com sobranceira durante a Grande Revolução".

Sendo órgão oficial do comando não temos dúvida de que todas as notícias publicadas passavam por um certo crivo ideológico, bem como a não publicação de outras é por demais significativo. Ante a realidade, essencialmente conser

vadora da cidade de Uberlândia, e mesmo do Triângulo Mineiro, esta coleção, chama atenção, sobretudo, pois anuncia entusiasmamente a participação do Triângulo, e particularmente dos uberlandenses, no processo revolucionário.

Os jornais locais, o "O Diário da Revolução" e quase toda a historiografia mineira, vêem 1930 como um divisor de águas na história brasileira, identificando aí, uma modernização da sociedade e a emergência de novos grupos sociais. A identificação dessa modernização resulta na separação entre república velha, a das oligarquias, e a república nova, do desenvolvimento econômico e social com Vargas.

Podemos encontrar, também, nas narrativas locais a exaltação da importante participação do Triângulo Mineiro na "revolução". Tito Teixeira nos dá um belíssimo relato:

"em meados de junho de 1930, quando a propaganda revolucionária havia saído das conferências secretas para a consciência de um povo escravizado por um governo prepotente, o Dr. Odilon Braga - Secretário da Segurança do Estado de Minas Gerais - estabeleceu a divisão do Triângulo Mineiro em dois comandos de operações, sendo um com vértice em Uberlândia e outro em Uberaba.

Para o de Uberlândia foi designado comandante militar o então Capitão José Persilva, oficial do 5º Batalhão da Força Pública de Minas Gerais.

Ao Senador Camilo Chaves, Comandante em Chefe, foi dada a incumbência de reunir voluntários e coordenar os esforços dos municípios da região. Ao comando geral cabia a responsabilidade de manter o inimigo em frente às pontes de Engenheiro Bithout e Afonso Pena, assim como nos portos adjacentes. Recebidas do Governo do Estado as instruções necessárias, os

dois comandantes regressaram a Uberlândia, de onde saíram acompanhados pelo assistente geral e pelo Sargento Alyson Leite, cunhado e ordenança do Major Persilva, em um automóvel Ford, tipo 29, em visita de propaganda e organização defensiva, a todas as cidades e pontos marginais dos rios Grande e Paranaíba, nas divisas de São Paulo e Minas Gerais.

Nesse trajeto foram designados chefes orientadores e responsáveis, com a incumbência de alistarem voluntários.

Ao comandante Camilo Chaves foi advertido de que, sendo o Triângulo Mineiro ponta de lança entre os dois Estados inimigos, São Paulo e Goiás, estaria na iminência de ser bloqueado nas primeiras arrancadas, cortando as comunicações com a Capital do Estado. No duplo comando do Triângulo Mineiro, só existia o quarto batalhão da Força Pública de Minas Gerais, sob o comando do Major Afonso Elias, Comandante da segunda zona de operações.

Entretanto, no comando, Camilo Chaves que contava desde o início das operações com alguns elementos regulares da Força Pública teve que enfrentar a situação, com coragem e heroísmo, no coice de uma ineficiente Carabina Winchester 44, até que lhe chegassem mais recursos, com a queda do 12 R.I. de Belo Horizonte.

Os dois Estados limítrofes do Triângulo Mineiro, estavam armados e municiados, em condições de cortarem as comunicações com a Capital do Estado de Minas Gerais".²

2 - TEIXEIRA, Tito. "BANDEIRANTES E PIONEIROS DO BRASIL CENTRAL: História da Criação do Município de Uberlândia". Uberlândia, Uberlândia Gráfica Ltda., 1970, v.I, p. 282-3.

Assim esta "importância" alardeada pelos jornais e que encontra eco nas narrativas é justificada principalmente pela posição estratégica da região, nas divisas de São Paulo, Minas Gerais e Goiás (o que leva à montagem de dois quartéis gerais, um em Uberaba e um em Uberlândia).

A elevação de 1930 como marco histórico, como é feito pela memória oficial, anula e silencia a participação de outros projetos revolucionários que não o vencedor. Este estudo regional, seguramente, não tem porque fugir a esta crítica. Finda a "revolução", parece que a história volta ao seu curso normal. Pouca crítica local às medidas de exceção, nenhuma análise mais profunda da conjuntura regional; apenas regozijo da vitória. Mas, vitória de quem?

1 - HISTÓRIA E HISTORIGRAFIA

Propor um estudo da chamada "revolução de 1930" na ótica da análise do discurso que se produziu sobre ela no período, e que foi reforçado e assumido pela memória oficial e historigrafia posterior, requer uma reflexão profunda sobre o sentido da história.

Entendemos que o conhecimento histórico é uma produção da compreensão humana e resulta de várias operações, ou seja, a seleção do objeto a ser pesquisado, as perguntas que lhe são formuladas, as teorias que embasam estas interrogações e as respostas elaboradas a partir delas. Nesse sentido, todo conhecimento histórico que produzimos enquanto historiadores é uma verdade parcial e provisória, que deve ser continuamente revista e questionada à luz de fatos novos ou de conceitos alternativos que auxiliem na tarefa de diálogo constante entre

o historiador e a realidade a ser pesquisada.³

Qualquer produção historiográfica, portanto, independente da sua contribuição para a investigação histórica, coloca-se sempre frente a possibilidade de reformulação ou de confronto com outras produções, e é da multiplicidade de interpretações, ou de conhecimentos produzidos, que a história se faz. Nenhum tema foi suficientemente esgotado, que não comporte uma nova investigação. Nenhuma produção historiográfica é suficientemente exhaustiva que dê conta do universo total pesquisado.

Nesta perspectiva, ao nos reportarmos à historiografia brasileira sobre 30, não o fazemos no sentido de apontar esta ou aquela como a mais "verdadeira", mas procuraremos mostrar como que perguntas feitas em um dado momento não mais nos satisfazem como explicação do fato histórico.

Podemos dividir a historiografia sobre o assunto em dois blocos interpretativos. De um lado, temos os autores que trabalham 30 na perspectiva de marco histórico divisor da história brasileira, e com a denominação de "revolução": eles vêem 1930 como expressão da necessidade de reajustar a estrutura do país às novas possibilidades econômicas e sociais. De outro, estão aqueles que procuram colocar em discussão não somente o caráter "revolucionário" atribuído ao movimento de 30, como também, a sua eleição como marco histórico.

Essa primeira tendência, apesar de apresentar

3 - Esta questão do conhecimento histórico está brilhantemente posta em: THOMPSON, E. P. A MISÉRIA DA TEORIA; ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser). Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

algumas variações de autor para autor, pode ser assim apresentada, no que diz respeito a alguns pontos comuns: os diversos autores vêem o momento como a destruição do sistema político oligárquico; a instalação de um novo tipo de Estado; inauguração de uma política de industrialização mais avançada; afirmação de uma certa passividade da classe operária; eleição de determinados grupos sociais como agentes do processo "revolucionário".

Nelson Werneck Sodré ⁴, um dos mais ilustres representantes desta tendência, vê a "revolução" de 30 como a expressão das contradições entre o setor agrário, voltado para o mercado externo, e os interesses da burguesia industrial nascente, voltados para o mercado interno. Esta mesma burguesia, aliada à classe média, seria, para o autor, responsável pela "revolução-democrático-burguesa" que colocaria fim ao descompasso entre a estrutura econômica arcaica, colonial, dependente do imperialismo e responsável pelo atraso brasileiro; e a estrutura política que via surgir novos personagens, principalmente no que diz respeito à ebulição do movimento militar-tenentismo (na sua opinião "precursores de uma transformação"). Em suas palavras, *"a revolução de 1930 resultara de uma brecha na classe dominante, cindindo-se e permitindo a composição de uma de suas frações com os elementos da classe média presentes em todas as fermentações internas"*.⁵

Outros autores concordam com Werneck Sodré, sobre a derrubada do Estado oligárquico, mas elegem como agen

4 - SODRÉ, Nelson W. FORMAÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 9 ed., 1986.

5 - Idem, p.326.

te não somente a burguesia industrial, mas uma "coalizão política" heterogênea, que na oposição ao Estado oligárquico engendra uma complementariedade de interesses. É o caso, por exemplo, de Boris Fausto ⁶, segundo o qual, os diversos agentes sociais isoladamente, por vários motivos, seriam incapazes de levarem avante a "revolução". Assim, para ele, *"a revolução de 30 não pode ser interpretada sem a intervenção das classes médias, mas não é uma revolução destas classes, nem no sentido de que elas sejam seus principais beneficiários"*.⁷ Ou seja, para ele, não há como negar o importante papel das classes médias urbanas, na medida em que pressionaram para a realização de suas aspirações liberais-democráticas, mas elas não atuaram sozinhas. O mesmo pode ser dito sobre a burguesia industrial que, *"seja sob forma direta de intervenção da fração de classe, seja sob forma mediada de 'revolução do alto'"*⁸, não será nem o único agente, nem conduzida à dominação política. Com o tenentismo, não há diferença, seu papel foi de extrema importância, ele conseguiu captar as aspirações de classe média (sendo às vezes até confundido com a mesma, por alguns autores). No entanto, segundo Boris Fausto, o tenentismo era portador de uma ideologia pobre e de caráter elitista, logo, apesar de seu prestígio, nada mais foi que o *"braço armado da dissidência civil"*.⁹

Boris Fausto, na nossa concepção, dá um passo à frente no sentido de desmistificar um único agente "revolucionário", mostrando que diversas facções sociais agiram concomitantemente. Ele estabelece, entretanto, um novo elemento

6 - FAUSTO, Boris. A REVOLUÇÃO DE 1930. São Paulo, Brasiliense, 12 ed., 1989.

7 - Idem, p.84.

8 - Idem, p.50. Boris Fausto trata por "revolução do alto" uma intervenção de classe imposta de cima para baixo, como para ele não houve imposição e sim participação de vários setores, a tal "revolução do alto" está descartada.

9 - Idem, p.63.

na discussão, que é o "Estado de compromisso". Ou seja, para ele, nenhum dos grupos participantes oferecia base de legitimação para o "novo" Estado, caracterizando-se, assim, um "vôcuo de poder". *"As classes médias por que não tem autonomia frente aos interesses tradicionais em geral (...), os demais setores agrários, por que menos desenvolvidos e menos vinculados com as atividades de exportação"*.¹⁰ Instala-se, segundo ele, um compromisso entre as facções, cuja instituição que garantirá a existência do compromisso será o Exército. Ele sustentará o regime não no caráter de "Estado protetor" das classes médias, mas como liame unificador das várias facções. Sendo preciso então, buscar uma base legitimadora deste Estado, surge *"na História brasileira um novo personagem, as massas populares urbanas, a única fonte de legitimidade possível ao novo Estado"*.¹¹

O conceito de Estado de compromisso é buscado por Boris Fausto em Francisco Weffort, que sem dúvida é um expoente deste tipo de análise que procuramos explicitar até aqui, que, como já dissemos, vê em 1930 o fim da hegemonia da oligarquia rural e a liquidação do Estado com base na grande propriedade rural voltada para a exportação. E, conseqüentemente, a formação de um novo Estado democrático e apoiado nas massas populares urbanas e setores ligados à industrialização.

Ora, um processo revolucionário acontece dentro do movimento de luta de classes e resulta em alterações sociais na estrutura até então constituída. Marx reconheceu o caráter revolucionário da burguesia no momento do seu engendra-

10 - Idem, p.104.

11 - WEFFORT, Francisco. O POPULISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980, p.50.

mento como classe e na luta contra a estrutura feudal: é na luta e na possibilidade de transformação das relações sociais feudais em capitalistas que reside o caráter da revolução. É revolucionária quando, no interior da sociedade burguesa, o conflito entre capital e trabalho resulta em uma nova conformação social.

Não nos parece que o Brasil do século XX esteja vivendo um tempo histórico de mudança de relações sociais não capitalistas para relações sociais capitalistas, onde 1930 poderia se apresentar como marco periodizador, indicativo da situação de classe revolucionária imputado à burguesia, se entendemos que as relações sociais capitalistas já se estruturam no Brasil desde o século XVI e que o sistema de fábrica, do final do século XIX e início do século XX, é um local privilegiado, onde essas relações sociais podem ser observadas na sua plenitude, cai por terra a tese de uma revolução burguesa no Brasil, neste século. A não ser na perspectiva de uma transposição de um modelo teórico de interpretação da realidade, as mudanças conjunturais que acontecem na trajetória da classe burguesa no Brasil, como a constituição do mercado livre de trabalho e alteração do parque industrial, não configuram seu caráter revolucionário.

Parece-nos muito difícil, também, acreditar em um Estado neutro pairando sobre a sociedade e, principalmente, não tentando agenciar os interesses de um dado setor social, particularmente depois de constatarmos, na documentação referente ao discurso "revolucionário" mineiro, que a "revolução" desejada aproximava-se muito mais de uma troca de personagens, que uma mudança real da situação do país. Se pegarmos proposições teóricas em que o conceito de revolução não se prende ao pro-

cesso de luta de classe, o sentido de mudança e a perspectiva de inovação se apresentam como elementos definidores. Hanna Arendt afirma que é crucial para a compreensão das revoluções da Idade Moderna que a idéia de liberdade, como opção política de vida, e a experiência de um novo começo, sejam coincidentes: "somente onde esse pathos de novidade se fizer presente, e onde a novidade estiver relacionada com a idéia de liberdade, é que temos o direito de falar em revolução. Isso significa, naturalmente, que as revoluções são algo mais que insurreições bem-sucedidas, e que, não temos justificativa de apelidar qualquer coup d'état de revolução, ou para enxergá-la em qualquer guerra civil" ¹².

Será que podemos falar da constituição do "novo", de uma "nova forma de governo", de um "novo corpo político", na "liberdade da opressão", representada pela tirania de Washington Luiz, na "constituição da liberdade", no movimento da Aliança Liberal e na deposição de Washington Luiz?

Para nós, pelo que podemos verificar no discurso da imprensa mineira do período, o projeto de revolução, apesar de estar aparentemente relacionado com a imagem da liberdade, na prática não passou de um remanejamento de figuras políticas sem que mudanças sociais profundas viessem a acontecer. O movimento esteve pautado, o tempo todo, em um ideário totalitário de uma sociedade una, ordeira e disciplinada.

A outra tendência historiográfica, e da qual nos aproximamos, tem como principais representantes Edgar S. De Decca ¹³, Ítalo Tronca ¹⁴, Kazumi Munakata ¹⁵. Entre outras

12 - ARENDT, Hanna. DA REVOLUÇÃO. São Paulo, Ática/Unb, 1988. p.28.

13 - DECCA, Edgar S. de. 1930 O SILÊNCIO DOS VENCIDOS. São Paulo, Brasiliense, 4 ed., 1988.

14 - TRONCA, Ítalo. REVOLUÇÃO DE 1930. A DOMINAÇÃO OCULTA. São Paulo, Brasiliense, col. Tudo é história, 6 ed., 1988.

15 - MUNAKATA, Kazumi. ALGUMAS CENAS BRASILEIRAS. Tese de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP, 1982.

coisas, esta tendência questiona o conceito de revolução imputado a 1930 e a eleição desta data como marco periodizador. Segundo tais autores, a denominação de "revolução" para este período oculta o processo de luta de classes, na medida em que a memorização e a periodização do movimento nos dá a idéia de homogeneidade e unitariedade. Esta homogeneização pode ser identificada, como sendo uma estratégia do discurso do poder "para apagar outras propostas políticas que se expressavam no interior da luta de classes."¹⁶ Ou seja, "nessa memória histórica sobrevelam-se apenas alguns agentes sociais ao passo que outros são, de uma vez por todas, suprimidos, não se tornando estranho, tanto para a ótica do poder constituído nos anos trinta como para a historiografia a inexistência da ação política dos dominados durante esse período histórico."¹⁷

Assim, com a proposta de "arrancar do silêncio os diversos registros dos vários agentes sociais que acreditavam estar produzindo a história em torno de 30", estes autores resgatam um processo revolucionário no Brasil, a partir de 1928, onde podem ser identificadas várias propostas de revolução, que engendradas por grupos políticos diferentes, acabavam por aparecerem unidas "em torno de um acordo tácito capaz de imprimir uma direção política à luta de classes". São identificadas três propostas: a do Partido Democrático, a dos Tenentes e a do Bloco Operário e Camponês (BOC). A proposta do Partido Democrático era de certa maneira bem mais generalizadora, defendia, por exemplo, a derrubada das oligarquias e a definição de Luis Carlos Prestes para a Liderança do movimento. Quanto aos tenentes, não diferiam muito da proposta do P.D., ou seja ficavam, também, à nível das reivindicações de

16 - Edgar S. De Decca, op. cit. p.74.

17 - idem, p.76.

mocrático-liberais. O BOC, por sua vez, sustentava uma proposta de revolução democrático-burguesa e antiimperialista, a ser levada a cabo pelo proletariado e campesinato. Estas Três propostas unidas eram consideradas como oposição à estrutura de poder vigente.

O BOC passa a ser considerado pelos outros agentes como representante de uma classe operária organizada, portanto, passível de ser utilizada na tomada do poder. Segundo Ítalo Tronca, *"o que interessava ao conjunto das oposições era reconhecer como representante da classe operária um partido parlamentar e eleitoral; quer dizer, uma agremiação que assumisse serem o partido e o parlamento os únicos lugares onde existe a política, os lugares que a burguesia historicamente estabeleceu como sendo os da política."*¹⁸

Utilizando o BOC como partido da classe operária, as oposições afastam aquelas tendências que, no interior do movimento operário, recusavam-se a aceitar o embate no campo da burguesia, enclausurando a classe operária em torno da luta parlamentar e afastando-a da direção do movimento. Com a expulsão do BOC e de suas organizações da vida política institucional completa-se a cerco à classe operária, implantando-se um projeto totalitário do poder.

De outro lado, o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), organiza o empresariado, afirmando a existência de um projeto político da grande indústria, projeto este levado, principalmente, pelo Partido Republicano Paulista. O CIESP coordena uma campanha que culmina, paulatinamente, no fechamento de espaços de participação operária, liquidando com a viabilidade de sucesso da proposta do BOC, o que

18 - Ítalo Tronca, op. cit. p.77.

desencadeará no aperfeiçoamento de mecanismos de controle sobre o movimento operário por parte do novo Estado.

Diante disso, para esta tendência historiográfica, "na perspectiva da classe operária, discutir se 30 foi ou não uma revolução é um falso problema, porque não desvenda as estratégias de dominação ocultas por trás da idéia de revolução - seja das classes dominantes, seja do BOC."¹⁹ Para nós estudar 1930, hoje, significa tentar não tomá-lo como um fato inquestionável, mas percebê-lo enquanto cristalização da memória oficial que serve a um dado discurso da classe dominante. Logo, urge que entendamos, o significado desta memória-história e quais os elementos de sua perpetuação.

2 - CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E IMAGENS

O que são as palavras? O que é o discurso? Segundo José Luiz Fiorin²⁰, o discurso tem o "escopo de mascarar o real, por meio da fabricação de uma série de mitos, que deveriam fornecer às pessoas parâmetros para a apreensão da realidade."²¹ Trabalharemos aqui basicamente com este pressuposto, com esse dado, identificando o discurso veiculado na imprensa triangulina como um discurso do poder. E isso nos é possível porque trabalharemos apenas com a fala, com as construções de um certo setor da elite política mineira, ligado ao Partido Republicano Mi

19 - Edgar S. De Decca. op. cit., p.110.

20 - FIORIN, José Luiz. A RELIGIÃO DA IMANÊNCIA. Análise do discurso 1964-1974. Tese de Doutaramento, Departamento de Linguística. 1984. USP.

21 - Idem, p.04.

neiro (PRM) e à Aliança Liberal. A imprensa é entendida, por nós, como o lugar onde determinados projetos políticos se explicitaram. Como estes projetos vinculam-se aos interesses imediatos de um grupo social no poder ou indiretamente ligado a ele, o jornal, enquanto fonte documental, não pode nunca ser utilizado dentro do mito da neutralidade que o envolve.

Este discurso, o discurso do poder, tem uma característica muito interessante, que é a de transformar a realidade em um "já-dado" que devemos receber passivamente, por meio da propaganda institucional. No nosso caso, uma propaganda "revolucionária". Este discurso, que também é um discurso "totalitário, é sempre monológico: em lugar da pluralidade discursiva, quer a repetição de jargões e clichês; em lugar de permitir que cada um tome a palavra, assume duas faces - a paternalista, que dá conselhos, e a policial, que vocifera ameaças. Em qualquer caso, é um discurso de manipulação".²² Assim, ao trabalharmos com a análise do discurso procuraremos sempre manter uma certa cautela, sabendo que estamos lidando com uma "arma", que tem um papel importantíssimo na manutenção da hegemonia de uma classe social, que usa constantemente signos fetichizados com o propósito de adaptar os homens a seu papel na estrutura social. Logo, é imperativo exercermos uma função crítica em relação aos discursos lembrando sempre da sua "estranha potência".

Segundo Haquira Osakabe²³, "o locutor (mandatário) para produzir um discurso, tem como base um conjunto de imagens, que são interpretadas como significações que existem no locutor, bem como tem base outro conjunto de imagens que pressupõe existirem nele(...).

22 - José Luiz Fiorim, op. cit., p.05.

23 - OSAKABE, Haquira. ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO POLÍTICO. São Paulo, Kairós, 1979.

Sob esse aspecto a imagem fundamental que o locutor faz de ouvinte é a de dominado, isso pela própria situação de (aparente) inércia que tem o ouvinte naquele momento".²⁴ Ou seja, ideologicamente o mandatário parte de imagens suas, particulares, universalizando-as, fazendo-as passar por imagens globalizantes. Nas palavras de Marilena Chauí "o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer, e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante. Universalizando o particular pelo apagamento das diferenças e contradições, a ideologia ganha coerência e força (...)"²⁵.

Nesta perspectiva, o discurso "revolucionário" mineiro pareceu-nos eficientemente articulado e a questão revolucionária elaborada de tal forma que, ainda hoje, percebemos a sua penetração na nossa memória coletiva. Não nos preocuparemos neste momento em discutir se 30 foi ou não uma revolução, tentaremos apenas desvendar, desnudar um certo discurso produzido sobre 30.

As perguntas que nos vêm à mente quando passamos pelos jornais de 1930 são, elementarmente, duas, que posteriormente acabam por se ramificarem. São elas: como os "revolucionários" construíram, ao nível do discurso, a idéia de revolução? Como a respaldaram, fazendo-a passar por um projeto social unitário?

24 - Idem, p.63.

25 - CHAUÍ, Marilena. CULTURA E DEMOCRACIA: o discurso competente e outras falas. São Paulo, Ed. Moderna, 1981, p.03.

Para responder a tais perguntas, uma questão se apresenta, prioritariamente: a de esclarecer o "tipo" de revolução que queriam estes "revolucionários". Principalmente uma revolução que não afetasse a ordem republicana vigente, uma revolução que significasse a *"reconstrução da verdade. Reconstrução da justiça. Reconstrução da lei. Reconstrução pela moralidade. Reconstrução pela fé, origem de todas as coisas, base de todas as reconstruções"*.²⁶ Podemos perceber neste artigo, algumas questões básicas para a compreensão do discurso "revolucionário" mineiro. Primeiro, o artigo se baseia na repetição da palavra-chave reconstrução. Se confrontarmos esta palavra-chave com conceitos marxistas de revolução, ou mesmo com conceitos como os de Hanna Arendt, "un coup d' oeil", poderemos dizer que esta "revolução" nada tem em comum com tais conceitos, não se tratando, portanto, de uma mudança que visa a liberdade da opressão, ou de uma luta de classes aberta, de onde sairá uma nova estrutura social. Trata-se de reconstruir, dentro da ordem. Ou seja, o palco e o texto permanecem os mesmos mudando-se apenas os atores. Saindo da palavra-chave encontramos um outro artifício discursivo bastante sofisticado, que é o de utilizar significações fundamentais do ideário do interlocutor, que lhes são próximas e que *"ocorrem em enunciados mais ou menos equivalentes, em enunciados que se referem a elas como valores equivalentes, em enunciados que se referem a elas como valores indiscutíveis e determinantes do comportamento e da preocupação política"*.²⁷ Atuando como determinantes de certas ações políticas ou como seu objeto de interesse último. Assim,

26 - Reconstrução. In: "O DIÁRIO DA REVOLUÇÃO" - Uberlândia, 21-10-30, nº13, p.03.

27 - Haquira Osakabe, op. cit., p.64.

falar em moral, verdade, ordem, fé (origem de todas as coisas) é falar de coisas dadas, indiscutíveis: não se trata de qualquer reconstrução e sim aquela que está respaldada por uma cadeia de significações vagas, mas indiscutíveis, inquestionáveis, totalmente "idôneas".

Concomitantemente, podemos perceber que se trata de uma argumentação que visa persuadir, convencer, constituindo-se em uma operação que almeja fazer com que o destinatário, aquele a quem o discurso se dirige, não apenas se inteire da imagem, que o mandatário faz do referente (sua proposta), mas, principalmente, aceite essa imagem como sua.

Artigos como este, retirado do "O Diário da Revolução", não são poucos. E a repetição de significação como: ordem, moral e religião serão os pilares básicos desta revolução, que tenta reconstruir sem alterar a ordem, respaldada pela verdade, justiça, lei, moralidade e civismo (que supõe-se) existentes nos anos anteriores a 1929 e perdidos no final dos anos 20.

A mudança desejada, havia sido tentada em 1929, via eleições, ou seja, pacificamente. Como, segundo eles, as eleições foram fraudadas e o Brasil vivia sob uma tirania, sob o governo de um déspota, que entre outras coisas desagregava a nação, nada mais restava que o "recurso extremo". "E pode-se mesmo atribuir como um dos motivos determinantes da atual crise política o desvistuamento do caracter eminentemente nacional que deveria ter a presidência da República, no Brasil. A nossa organização republicana esconde supremas injustiças. A divisão administrativa e o systema de representação nacional, concorrem para um notável desequilibrio na vida interna (...). Os seus homens públicos (de São Paulo), talvez de boa fé, quando assumem a direção da nacionalidade procuram, por todos os

meios solucionar os problemas mas exclusivamente paulistas (...). E assim, nessa direcção parcialissima os políticos de São Paulo vão agindo na orientação de seus actos como representativos da tendência regionalista que trabalha a nossa desintegração. E vem então o desequilibrio na vida brasileira (...). O poder central não é agora o órgão nacional.

O sr. Washington Luiz é o symbolo do 'sentimento dispersado' (...). Foi precisamente para prevenir o crime que se preparava contra o Brasil unido que o povo se ergueu. O espirito divinatório da multidão genuinamente nacional, intuiu o crime futuro."²⁸ E mais: "em princípio toda revolução é um mal. Em princípio natae bem. Mas é um mal necessário muitas vezes, tal como uma operação cirurgica que mutila e deforma um corpo humano para manter-lhe a vida. Isto posto, a que vem a Revolução? Ella veio para o fim unico de reintegrar a nossa patria no regime da lei - que é a expressão juridica da verdade, da honradez e da justiça.

Estavamos fora da lei como um paiz de barbaros. A lei unica era a vontade do sr. Presidente da República. Estavamos desencaminhando a vida da nacionalidade e dando o mais vergonhoso dos exemplos às gerações que vêm emergindo (...). Não, precisamos de novas leis, não precisamos de outras instituições, não precisamos de outro regime: precisamos de caracter, de brio e de moralidade."²⁹

De novo a lei, a ordem, a moral, em um jogo maniqueísta onde o adversário é representativo das forças do mal. O artigo acima ilustra com propriedade os argumentos utilizados para justificar a "revolução", argumentos estes que encontramos em abundância nos jornais, a partir de 1929.

28 - Brasil Unido. In: Diário da Revolução - Uberlândia, 16/10/1930. nº 8. p. 01 e 04.

29 - Na Escola Normal. In: "Minas Geraes". Belo Horizonte, 17/10/30. p.05.

Estabelecidas as justificativas e os propósitos quem levaria a cabo tal empreendimento? Para que não acontecesse como nas eleições, seria preciso um agente legitimador do movimento, alguém que assumisse e respaldasse a "revolução" - além é claro de nossos "revolucionários". E aqui o discurso mostra que age regido por "três atos distintos, que guardam entre si uma relação aproximada à relação do tipo implicativo: um ato de promover o ouvinte para um lugar de decisão na estrutura política; um ato de envolvê-lo de forma tal a anular a possibilidade de crítica; e um ato de engajar o ouvinte numa mesma posição ou tarefa política (grifos nossos)."³⁰ Ou seja, o interlocutor é transformado em herói e a mais vaga significação entra em cena: o povo, que surge com seu cajado de justiça e verdade para legitimar o movimento. "O (povo) brasileiro, envergonhado de tanta humilhação, cansado de tanto despotismo, reunindo as suas últimas energias, resolveu reagir patrioticamente, contra semelhante ignomínia."³¹ Este sujeito-povo, foi então eleito, promovido à cena política, envolvido e engajado no jogo "revolucionário" e ao nível do discurso, respaldou a ação, visto que o discurso político não se justifica senão à medida que é dirigido a um participante, que claro, interessa ao mandatário, mesmo que esse interlocutor não tenha condições reais de decidir ou mesmo, não o queira fazer.

Esse agente eleito, enquanto "revolucionário", passa agora a ser adversário daquele que foi contra a "revolução", é seu inimigo. De onde começam a aparecer imagens cu-

³⁰ - Haquira Osakabe, op. cit., p.97.

³¹ - A Bala. In: O Diário da Revolução - Uberlândia, 23/10/30, nº15, p.03.

jas significações semânticas podem não ser especificamente, as indicadas, mas que são colocadas como opostas. Então, se temos o "povo" de um lado é porque temos uma "tirania" de outro, e a "revolução" é a única via para destruir o inimigo.

Ora, o que significa eleger o povo como herói desta história? Segundo Geneviève Bollême, "quando se fala de povo, não é do povo que se fala, não é por ele que há interesse. Esse discurso se funda sempre numa mera idéia. De fato, ele só serve para legitimar uma supremacia, circunscrevendo e portanto acusando uma diferença, sem contar que confere um poder àquele que o sustenta, àquele que se coloca como porta-voz legítimo do povo. (...) Mas é também um discurso que não seria feito se supostamente não houvesse um sujeito, na frente, o que coloca aquele que o enuncia numa curiosa situação: ele fala para lançar uma ponte para aquilo que sua própria fala separou e que ele não poderia, por isso mesmo, denominar; e pode-se aliás, observar que a palavra 'povo' é uma palavra não é empregada por aqueles que ela supostamente designa. (...) O discurso sobre o povo é o discurso mais político, mais conceptual e, por consequente, mais afastado: o povo é aí o nome da maior generalidade".³² Isso quer dizer que a operação intelectual da ideologia é a criação de universais abstratos, ou seja, é a transformação de idéias de uma classe em idéias de todos (personificados na generalidade "povo").

Quando lemos: "agora é o povo, quem faz a revolução; é o povo quem deixando as comodidades, arriscando a vida, reivindica seus direitos (...)"³³, compreendemos que, ao evocar-se sua presença: ameaçador, caprichoso, sedioso, furioso; o efeito-povo é es-

32 - BOLLÊME, Geneviève. O POVO POR ESCRITO. São Paulo, Martins Fontes, 1988, p.56.

33 - Mentalidade Nova. In: O DIÁRIO DA REVOLUÇÃO - Uberlândia, 18/10/30, p.04.

sencialmente teatral, muda o curso dos acontecimentos provoca o desenlace. Dependente do poder, o povo contraria ou reforça esse poder, mas qualquer que seja o povo e o que quer que ele faça, o poder pertence ao discurso que o concilia ou, de todo modo, o doma.

Para "supostamente" retirar do abstrato esta significação, nada melhor que personificá-la um pouco, portanto, é do povo mineiro que se fala, principalmente, do povo mineiro que traz consigo toda a virtuosidade da mineiridade. O que significa dizer que o mineiro é intrépido (amante do desconhecido); leal; tenaz até a obstinação; prudente; hospitaleiro; ordeiro e amante das tradições; conservador por indole; inimigo das transformações rápidas; apaixonado pelo que é brasileiro; alma simples e honesta, mas progressista?³⁴

A imagem povo recebe aqui a sua glorificação máxima, o povo agente (sem o ser) é o herói cheio de virtudes, inumeráveis até. Herdeiro de Tiradentes, o caráter do mineiro está ligado à sua formação histórica, "anseios de liberdade constituem o âmago da alma mineira". A maioria dos artigos se esmeram, ainda, em pintar este herói de verde-amarelo, porque ele não pensa só em si, ele pensa no Brasil todo: "Minas levantou-se em armas para assegurar aos brasileiros os seus direitos mais essenciais, inscriptos na carta republicana. A lucta é pelo restabelecimento da constituição, garantidas as franquias e liberdades populares. Nesse passo os mineiros attestam taes virtudes cívicas, da bravura, espírito de sacrifício, amor a justiça e apego ao direito que não somente defendem o patriotismo moral da Nação como o enriquecem com uma epopeia definitivamente incorporada à nossa história gloriosa".³⁵

³⁴ - Indole Mineira, idem, 16/10/30, p.04.

³⁵ - SOARES, J. E. "O Milagre Mineiro". In: O DIÁRIO DE MINAS. Belo Horizonte, 28/10/30, p1

As imagens se confluem, interagem, na teia os fios se encontram e dão forma, geram formas. Encadeiam-se, nacem uma da outra, chamam uma à outra, respondem-se e confundem-se; por um jogo complexo de associações visuais, o movimento que as faz aparecer leva-as para uma direção muito ou-
tra. Imaginariamente, miticamente, legendariamente surge nes-
te tecido o movimento ("revolucionário") salvador com seu
guardião-guerreiro, guerreiro-iluminado, ungindo e coroado. Só
nos resta montar o quadro das linhas de convergência, estabele-
cer o inventário dos pontos de encontro e dos fatores de se
melhança. Para além das diversidades possíveis e mesmo aparen
tes contradições, surgirem assim, construídas em torno do mes
mo arquétipo, dos mesmos símbolos e imagens, o que será possí
vel considerar como as estruturas fundamentais da realidade
mítica.

Então, se temos um movimento (ação), um agente
capaz de respaldá-lo, falta-nos desnudar suas estruturas bási
cas, seus pilares. São facilmente identificáveis três estrutu
ras: pátria, moral e religião. Estas são formações bastante
complexas cujos alicerces passeiam desde a família, principal
mente utilizando-se de "papel" da mulher na família-sociedade
burguesa, até o mais remoto recôndito do desejo humano, ou me
lhor dizendo, do investimento afetivo. O discurso político
já não tem limite, pode ser exercido sem coação (aparente) ,
ao infinito. A ligeireza das frases, do estilo, o prazer das
palavras substituem o peso das coisas. Nesse livre exercício,
da razão e da imaginação, nesse jogo literário do discurso ,
transferem-se todas as paixões.

Começemos pela Pátria. Ela sai das brumas da
abstração e ganha existência concreta, o "Brasil sangra", "a

nação recebe chicotadas", "a pátria está genuflecta", "o ideal da pátria acima de vossos interesses materiais", pátria-família, pátria-mãe. Ora, o que significa identificar a pátria com a família e principalmente com a mãe? Segundo Alcir Lenharo³⁶ "a família - 'microcosmo do Estado autoritário', 'célula reacionária central' - atua como a sua fábrica ideológica e sua estruturação (...). Incute a propensão para o esforço e para o trabalho. Faz a apologia do prestígio, da ascensão social, cultiva a honra, o dever, a docilidade não crítica a subverniência a autoridade (...). Alvo de poder como estratégia macro e micropolítica para o controle da sociedade, a família é também, fulcro teórico de uma dada concepção persuasiva da propaganda."³⁷ Ou seja, trata-se do núcleo educador dos cidadãos, "primeira escola", e quiça a mais importante. Ainda pensando em termos reichianos, o pai é o detentor do poder, ele introduz na família a posição que assume em relação ao seu superior hierárquico na sociedade - uma posição de sujeição passiva e servil à autoridade. E, sem dúvida, os "revolucionários" souberam usar deste papel "masculino", "que amanhã os filhos dignos não venham envergonhar-se dos pais que fugirem ao cumprimento integral dos seus deveres(...) Fugir a ela (a luta) é reservar-se o papel de eunuchoide de homem que não merece nem o amor das mulheres, nem a admiração de outros homens, nem a paz de consciência."³⁸ Ou seja, ser pai, homem, varão (viril), significa obedientemente ir à luta para resguardar a pátria.

Se o pai é chamado à ação, à mulher o que resta? A mulher é chamada a participar apesar de "ser um débil, desprovida de coragem e bravura", ela é convocada a "não a-

36 - LENHARO, Alcir. A SACRALIZAÇÃO DA POLÍTICA. Campinas, Papirus, 1986.

37 - Alcir Lenharo. op. cit., p.45. Os termos "microcosmo do Estado autoritário" e "célula reacionária central", o autor busca em W. Reich que está tratando, particularmente do nazismo.

38 - Homens Livres de Uberlândia - Panfleto distribuído à população uberlandense durante o período revolucionário.

lheiar-se", não tendo "força material que abate e domina possui (ela possui) a palavra de fé e incitamento, que anima, e mociona e arrebatada", e "em todos os movimentos que esteve empenhada a honra do glorioso Estado de Minas, teve a mulher mineira um papel que a imortaliza, que a eleva aos cumes mais altos da dignidade feminina."³⁹ E la é convidada ao assumir seu "posto" de guardiã da ordem, da moral e da religião. Se a família é o núcleo fundante da nação, a mulher é o esteio, o suporte das tradições, dos princípios da sociedade. Ela como mãe e esposa, santa diga-se de passagem, educa os filhos nos ensinamentos de Deus e da lei, mantém e molda nos caminhos do bem. Vemos, então, que essa teia mítica rompe com todo e qualquer liame entre o público e o privado, desfocalizando o lugar do conflito. Assim, vemos "o esvanecimento da res publica pela crença de que as significações sociais são gerados pelos sentimentos de seres humanos individuais (...). Compreendemos que o poder é uma questão de interesses nacionais e internacionais, o jogo entre classes e grupos étnicos, conflitos de regiões ou de religiões. Mas nós não atuamos de acordo com essa compreensão na medida em que essa cultura de persuasividade controla a crença, elegemos candidatos que são aqueles que têm integridade, e demonstram autocontrole. A política de classe enfraquece assim como a própria classe..."⁴⁰

Não são mais cidadãos lutando contra cidadãos por posições políticas diferentes, são irmãos contra irmãos, numa luta "fraticida", que afeta a tranquilidade da pátria-lar, fere o aconchego e conforto dos braços maternos, pátria-mãe segurança. Se pensarmos em termos marxistas significa que

39 - "A mulher mineira" - Panfleto.

40 - SENNETT, Richard. O DECLÍNIO DO HOMEM PÚBLICO: Tiránias da intimidade. São Paulo, Cia. das Letras, 1989, 2 ed., p.413.

a classe dominante domina também como "produtora de idéias", regulando a "produção" e "distribuição" das idéias do seu tempo fazendo com que elas sejam idéias dominantes de sua época. E foram, cumpriram seu papel e pátria-família é tão "aceitável", tão corriqueiramente empregado que apesar de não estarem num mesmo campo semântico têm suas significações equiparadas.

Pátria-família, de um lado; de outro, moral - tradição. Mineiridade é tradição de civismo, amor às instituições, à ordem, à lei, é preservar os valores e manter vivo o passado. Mas não qualquer passado e sim aquele "glorioso", onde mártires e heróis lutaram pela liberdade e, mais ainda morreram por ela.

O herói histórico, no caso Tiradentes, testemunha de outra luta pela liberdade é o mentor privilegiado e o modelo primeiro. Assim *"nosso ideal? Libertar a Pátria ou morrer com ella"*.⁴¹ O nosso herói se confunde com o outro que o inspira e o guia.

Dos fios que se confundem e se entrecruzam poderíamos falar indefinidamente. Cada palavra, cada imagem tem um significado e acaba por trazer outros e o tear do discurso não cessa, não descansa e o tecelão cria e recria como se fosse o dono das cores, fios e formas. Mas, infelizmente, é necessário recortar e, portanto, a última imagem-forma que veremos desvendar da tecitura é a da religião. Como Deus entra neste emaranhado? Assim como a família, a religião tem um papel na educação moral dos princípios e crenças que são cons-

41 - Título de um artigo encontrado do "O Diário da Revolução".

tantemente utilizados. A submissão, disciplina, humildade, o trabalho são virtudes que "Deus" prega. O bom fiel, o bom filho, o bom cidadão, são agora o mesmo fio, o mesmo pêndulo. No jogo maniqueísta do discurso político luzes e trevas estão no combate sem descanso. Portanto, termos como "cruzada santa" trafegam com fluidez neste léxico "revolucionário". É preciso salvar almas do satânico inimigo. A fé em Deus e na Pátria as segura aos "revolucionários" a vitória nessa luta do bem contra o mal. Plagiando, mesmo que indevidamente, o Santo Guerreiro contra o Dragão da Maldade.⁴² Assim, o que se tem é a mitologia política complexamente construída tendendo a definir-se como resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência.

O discurso foi bem tecido, bem amarrado. Passo a passo (ou fio a fio) construiu-se uma imagem de "revolução" que é presente até hoje, sessenta anos depois, na memória coletiva. Só nos resta perguntar como já o fizemos: vitória de quem?

3 - NOVOS FIOS, OUTRAS TRAMAS

Mostramos como a historiografia brasileira trata a "revolução de 30", mostramos como o Partido Republicano Mineiro e a Aliança Liberal construíram a idéia de "revolução", via imprensa. Mas, será que a população mineira recebeu

⁴² - Nos referimos aqui ao filme de Glauber Rocha de 1969, "O Santo Guerreiro contra o Dragão da Maldade".

passivamente toda essa trama de imagens? Será que não houve dissonância a este discurso? Como os outros setores (que não os citados) reagiram perante a "revolução"? Será que não havia outro projeto revolucionário para 1930? Se havia o que foi feito dele? Vitória de quem?

Estas e muitas outras indagações se apresentam neste momento. E o tear não deve descansar, deve sim, de novo, voltar ao trabalho e fio a fio construir (buscar) as respostas desta trama. Novos fios, outras vozes. Por que como nos ensina Geneviève Bollême: *"o silêncio é a infelicidade onde se corre o risco de não poder mais existir, nem pensar, nem falar"*. E como historiadores somos instigados mais do que nunca a não calar e a ver o que há "por detrás dos verbos".

FONTES

. JORNAIS:

- O Diário da Revolução. Uberlândia, 09/10/ a 25/11 de 1930.
- A Tribuna - Uberlândia, anos 1929 e 1931.
- Araquary - Araquari - 1929 a 1931.
- Diário de Minas - Belo Horizonte - 1930.
- Minas Geraes - Belo Horizonte - 1930.
- Panfletos e editais distribuídos à população durante o período revolucionário.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADA, Bonifácio de. Aspectos da Revolução de 30 e o papel de Minas. In: *VI Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1987, p.11-32.
- ARANTES, Jerônimo. *Coreografia do Município de Uberlândia*. Uberlândia, Gráfica Pavan, 1938.
- ARENDT, Hannah. *Da Revolução*. São Paulo/Brasília, Ática/UNB, 1988.
- BOLLÈME, Genevière. *O Povo por Escrito*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 2 ed., 1983.
- CHAGAS, Paulo Pinheiro. Depoimento de um contemporâneo da revolução de 30 em Minas Gerais. In: *VI Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1987, p.83-114.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo, Ed. Moderna, 1981.
- DE DECCA, Edgar. *1930 - O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: história e historiografia*. São Paulo, Brasiliense, 8 ed., 1982.
- FIORIN, José L. *A Religião da Imanência. Análise do discurso 1964-1974*. Tese de Doutaramento, Departamento de Linguística, 1984 - USP.
- HALBWCHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo, Vertice, 1990.

- LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v.1, 1984.
- _____. História. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v.1, 1984.
- LENHARO, Alcir. *A Sacralização da Política*. Campinas, Papirus, 1986.
- MENDONÇA, José. A imprensa de Belo Horizonte na fase revolucionária (1925-1937) In: *VI Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, UFMG/PROED, 1987, p.45-82.
- MUNAKATA, Kazumi. *Algumas Cenas Brasileiras*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, UNICAMP, Campinas, Tese (mestrado), 1982.
- ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu Funcionamento*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- OSAKABE, Haquira. *Argumentação e Discurso Político*. São Paulo. Kairós, 1979.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: tiranias da intimidade*. São Paulo, Cia. Letras, 1989.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação Histórica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1962.
- TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central*. Uberlândia, Gráfica Pavan, 1970, 2 v.
- THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- TRONCA, Ítalo. *Revolução de 1930: a dominação oculta*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- VERSENTINI, Carlos Alberto & De Decca, Edgar S. *A Revolução do Vencedor*. In: *Contraponto*. Rio de Janeiro, 1976.
- WEFFORT, Francisco. *O Populismo na Política Brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.